



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E SAÚDE
CURSO DE PEDAGOGIA – FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA AS SÉRIES
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Érika Cristina Jorge Dutra

**A AQUISIÇÃO DA LEITURA NA FORMAÇÃO CRÍTICA
DO LEITOR NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Brasília
2008

Érika Cristina Jorge Dutra

A AQUISIÇÃO DA LEITURA NA FORMAÇÃO
CRÍTICA DO LEITOR NAS SÉRIES INICIAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL

Monografia apresentada ao Curso de
Pedagogia – Formação de Professores para
as Séries Iniciais do Ensino Fundamental,
da Faculdade de Ciências da Educação e
Saúde (FACES), do Centro Universitário de
Brasília – UniCEUB, como parte das
exigências para conclusão do curso.
Orientadora: Profa. Dra. Maria Eleusa
Montenegro

Brasília
2008

Dedico este trabalho a todos da
minha família.

AGRADECIMENTOS

Agradeço as professoras orientadoras Suzana Funghetto e Maria Eleusa, que me orientaram na elaboração deste trabalho.

RESUMO

O assunto abordado é sobre a “Aquisição da leitura na formação crítica do leitor nas séries iniciais do ensino fundamental”. Tem como objetivo investigar quais os subsídios oferecidos pela escola na formação de leitores críticos. A abordagem utilizada no decorrer do trabalho baseou-se na pesquisa qualitativa e o instrumento utilizado foi a entrevista, aplicada a quatro professoras. As categorias selecionadas para análise e discussão dos dados foram: a importância da leitura; orientação para criticidade; instrumentos utilizados; atividades utilizadas; trabalho após leitura; sugestões de livros; dificuldades encontradas; e sugestões de desenvolvimento da leitura crítica. Os principais resultados encontrados foram: a metodologia do professor e a utilização de recursos motivadores levam os alunos a uma melhor compreensão das palavras; cabe aos educadores promover atividades que possibilitem o melhor desenvolvimento da criatividade, uma vez que despertam interesse e prazer nas crianças, desenvolvendo a imaginação e a expressão das idéias; os recursos motivadores que provocam mais interesse nos alunos facilitam o aprendizado; e é importante se trabalhar a literatura infantil, pois ela desenvolve não apenas a imaginação das crianças, como também permite que elas comecem a refletir e interpretar desenvolvendo a criticidade. Cabe aos educadores desenvolver esse tipo de leitura e estimular sempre a leitura crítica para promover uma formação mais digna.

Palavras-chave: Aquisição da leitura. Dificuldades de compreensão. Criticidade. Leitura crítica.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	07
1.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA	08
1.2 OBJETIVOS	10
1.2.1 Objetivo geral	10
1.2.2 Objetivos específicos	10
2 REFERENCIAL TEÓRICO	11
2.1 CONCEITUANDO E DISCUTINDO O TERMO LEITURA	11
2.2 COMO E QUANDO COMEÇAR A LER	13
2.3 A IMPORTÂNCIA DO ATO DE LER	15
2.4 A LEITURA E AS ORIENTAÇÕES NACIONAIS	16
2.5 A LEITURA NO CONTEXTO ESCOLAR	18
2.6 O DESENVOLVIMENTO DA CRITICIDADE NA LEITURA	20
2.7 A LEITURA NA FORMAÇÃO CRÍTICA	22
3 METODOLOGIA	24
3.1 ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS	24
3.2 CENÁRIO PARTICIPANTES DA PESQUISA	25
3.3 ESPECIFICAÇÃO DAS FASES DA PESQUISA	25
3.4 INSTRUMENTOS PARA COLETA DE DADOS	26
3.5 CATEGORIAS, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	26
3.5.1 Especificação das categorias escolhidas	26
3.5.2 Análise e discussão dos dados	27
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES	30
REFERÊNCIAS	32
APÊNDICE- Roteiro de entrevista para especialistas	

1 INTRODUÇÃO

Esta monografia versa sobre a aquisição da leitura na formação crítica do leitor nas séries iniciais do ensino fundamental, onde é possível entender que a leitura crítica é aquela que “na medida em que o homem, integrado em seu contexto, reflete sobre este contexto e se compromete, constrói a si mesmo e chega a ser sujeito” (FREIRE, 2003).

Assim, esta pesquisa pretendeu averiguar os elementos proporcionados pelo ambiente escolar na formação de leitores críticos e responsáveis, por meio da aquisição da leitura nas séries iniciais do ensino fundamental, pretendendo ser uma colaboração para os profissionais da educação, como uma das ferramentas para o desenvolvimento desse tipo de leitura.

Nas séries iniciais do ensino fundamental, o leitor, uma vez sendo um leitor crítico, terá a vantagem de interpretar e compreender o que lê. Com base nesse raciocínio, muitos estudiosos têm destacado a importância de se introduzir este tipo de leitura no dia-a-dia da criança.

Segundo Bamberger (2004), “se conseguirmos fazer com que a criança tenha sistematicamente uma experiência positiva com a linguagem, estaremos promovendo seu desenvolvimento como ser humano”. Mas essa noção amplia-se, quando se entende a importância que a leitura tem sobre as pessoas e seus múltiplos papéis, que vão além do aumento do conhecimento, mas da observação de aspectos da vida, de sua participação como agente transformador e da capacidade de comunicação com o mundo.

O escrever e, principalmente, o ler podem ser vistos como forças libertadoras, para utilizar a linguagem de Freire (2003), que oferecem ao indivíduo a possibilidade de ampliação e redimensionamento do pensar, do agir e do ser.

Por meio da leitura – de mundo e de materiais escritos - é possível refletir sobre a realidade e começar a exercer algum controle sobre o futuro.

É pela ação e na ação que o homem constrói a si mesmo e esta ação é a própria comunicação, diálogo, a verdadeira interação com os outros homens, com o ambiente, com o espaço, com os materiais, com o livro e com o texto – o escrito e o mundo ao redor.

Nesta pesquisa, a atenção foi voltada à leitura, que os alunos realizam em sala de aula e/ou fora dela: que deve ser atenta, responsável, crítica e com objetivos bem definidos.

Afinal, o ato de ler vai além da mera decodificação das palavras. Para Martins (1994, p. 19-20) é uma “conquista de autonomia, permite a ampliação dos horizontes, além de ser um instrumento contra a dominação, a liberação dos dominados”.

Conforme o título, o presente estudo investigou a aquisição da leitura na formação crítica do leitor nas séries iniciais do Ensino Fundamental, já que são nessas séries – principalmente – que o gosto pela leitura se desenvolve, devendo ser estimulada e valorizada pela escola, professores e pais.

1.1 DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA

A escolha deste tema deu-se pelo interesse dessa acadêmica sobre a leitura, sobretudo em saber que, nas séries iniciais do ensino fundamental, é uma fase decisiva para o seu desenvolvimento.

Em se tratando da sua importância, esta pesquisa pode trazer o seguinte benefício: quem adquirir a capacidade de ler, principalmente de forma crítica, conseqüentemente terá maior capacidade de compreender o mundo.

Em virtude da importância desta pesquisa para a formação crítica do leitor, busca-se responder ao final do trabalho a seguinte indagação: o que se pode fazer para desenvolver leitores críticos nas séries iniciais?

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo geral

Investigar sobre os procedimentos metodológicos que podem levar à formação de leitores críticos e reflexivos.

1.2.2 Objetivos Específicos

- Conceituar o ato de ler e sua importância;
- Investigar a importância da leitura;
- Compreender a importância dada na leitura;
- Identificar os tipos de leitura contemplados nos Parâmetros Curriculares Nacionais;
- Compreender como a leitura pode oferecer subsídios para a formação crítica do leitor.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 CONCEITUANDO E DISCUTINDO O TERMO LEITURA

Antes de se iniciar esta discussão, sobre o que é leitura, é necessário entender primeiro o que é ler. Consultando o dicionário Aurélio (2000), a palavra ler possui a seguinte definição: “ver o que está escrito, proferindo ou não, mas conhecendo as respectivas palavras; conhecer, interpretar por meio da leitura; decifrar, interpretar o sentido de; adivinhar; predizer; [...], ver e interpretar o que está escrito” o que leva logo a pensar só na capacidade de interpretar palavras escritas. E é isso o que comumente as pessoas tanto distantes da escola, quanto próximas (docentes, discentes, pais de alunos e funcionários da escola) pensam sobre a leitura.

Mas a leitura vai além da simples interpretação das letras e sílabas. Segundo Orlandi (1988, p. 17), a leitura pode ter vários sentidos como: “na escola significa o aprender a ler e escrever, em termos acadêmicos as várias formas de compreender um texto, a leitura também pode ser uma ideologia ou uma atribuição de sentidos, entre outras definições”. Além disso, o próprio dicionário oportuniza pensar que não é só isso, pois se pode decifrar, interpretar o sentido de algo, e não necessariamente esse algo precisa ser palavras.

Ler é saber compreender, interpretar, e essa interpretação não é única, depende de cada pessoa, de seu contexto de vida, da sociedade, do trabalho, de família, de época, entre outros. Um texto para ser “legível” depende desses fatores e também depende do leitor virtual que se insere dentro do texto, pois se a realização entre leitor virtual (leitor para que o autor destina o texto) e leitor real (pessoa que lê o texto) é muito distante fica difícil haver a compreensão. (ORLANDI, 1988).

E o que é compreensão? Para Paulo Freire (2003, p. 25) “a compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto”, ou seja, se entende a partir de que se conhece o contexto do que é falado no texto, então, a compreensão do texto é mais importante do que simplesmente decodificar as palavras, a compreensão faz com que a leitura seja um momento crítico.

Um texto pode ter vários sentidos que somente com essa leitura crítica pode-se compreendê-lo. Um mesmo texto pode ser lido de várias formas: comparando com outro; procurando saber o que o autor quis dizer (dessa forma, na leitura, não se pode abster de saber o contexto histórico do autor); procurando saber o que o professor quer que você compreenda do texto; ou ler procurando uma multiplicidade de sentidos no texto. Dessa forma, Orlandi (1988, p. 19), ressalta que:

A leitura é tão importante que desde o início das civilizações, quem detém a palavra, ou a capacidade de comunicação é quem detém o poder, e até hoje continua assim, o governo não quer que o povo saiba realmente ler, ele quer pessoas alfabetizadas de letras, para não ser categorizado como país subdesenvolvido, mas quer analfabetas de compreensão, para poder continuar no poder.

Fala-se muito de leitura, mas a leitura nada mais é do que umas das formas de absorver a cultura, pois ela tanto pode ser feita assistindo a uma peça, quanto a um pagode ou a leitura de um livro. Ainda segundo Zilberman (2001), “a leitura, vista de um aspecto mais amplo, completo e crítico, traz a cultura, e há a necessidade de se conhecer a cultura, para haver a realidade da escola; não há preferência se não há o conhecimento da opção”.

Sendo assim, compreende-se a importância da leitura neste processo e segundo Zilberman (2001, p.77), é válido lembrar que:

Ler é saber. O primeiro resultado da leitura é o aumento de conhecimento geral ou específico.
 Ler é trocar. Ler não é só receber. Ler é comparar as experiências próprias com as narradas pelo escritor, comparar o próprio ponto de vista com o dele, recriando idéias e revendo conceitos.
 Ler é dialogar; Quando lemos, estabelecemos um diálogo com a obra, compreendendo intenções do autor. Somos levados a fazer perguntas e procurar respostas.
 Ler é exercitar o discernimento. Quando lemos, colocamos-nos de modo favorável ou não aos pontos de vista, pensamos argumentos e argumentamos dentro de nós mesmos, refletimos sobre opções dos personagens ou sobre as idéias definidas pelo autor.
 Ler é ampliar a percepção. Ler é ser motivado à observação de aspectos da vida que antes nos passavam despercebidos.
 Ler bons livros é capacitar-se para ler a vida.

Se o objetivo é formar cidadãos capazes de compreender as diferentes leituras, é preciso organizar o trabalho educativo para que experimentem e aprendam isso na escola. É preciso apresentar aos alunos textos do mundo: não se formam leitores

solicitando aos alunos que leiam apenas durante as atividades na sala de aula, apenas no livro didático.

2.2 COMO E QUANDO COMEÇAR A LER

A infância é o melhor momento para o indivíduo iniciar sua emancipação mediante a função liberatória da palavra. É entre os oito e treze anos de idade que as crianças revelam maior interesse pela leitura. O estudioso Richard Bamberger (2000 p. 34) reforça a idéia de que é importante habituar a criança às palavras. “Se conseguirmos fazer com que a criança tenha sistematicamente uma experiência positiva com a linguagem, estaremos promovendo o seu desenvolvimento como ser humano”. Inúmeros pesquisadores têm empenhado em mostrar aos pais e professores a importância de se incluir o livro no dia-a-dia da criança.

Ainda segundo Bamberger (2000), comparada ao cinema, ao rádio e à televisão, a leitura tem vantagens únicas. Em vez de precisar escolher entre uma variedade limitada, posta à sua disposição por cortesia do patrocinador comercial, ou entre os filmes disponíveis no momento, o leitor pode escolher entre os melhores escritos do presente e do passado. Lê onde e quando mais lhe convém, no ritmo que lhe agrada, podendo retardar ou apressar a leitura; interrompê-la, reler ou parar para refletir. Desta forma, o autor argumenta de maneira categórica: “lê o que, quando, onde e como bem entender”. Essa flexibilidade garante o interesse contínuo pela leitura, tanto em relação à educação quanto ao entretenimento.

Martins (1994) chama a atenção para um contato sensorial com o objeto livro, que, segundo ela, revela “um prazer singular” na criança. Na leitura, por meio dos sentidos, a criança é atraída pela curiosidade, pelo formato, pelo manuseio fácil e pelas possibilidades emotivas que o livro pode conter.

A autora (MARTINS, 1994, p. 8) comenta que “esse jogo com o universo escolhido no livro” pode estimular no pequeno leitor a descoberta e ao aprimoramento da linguagem, desenvolvendo sua capacidade de comunicação com o mundo. Esses primeiros contatos despertam na criança o desejo de concretizar o ato de ler o texto escrito, facilitando o processo de alfabetização. A possibilidade de que essa

experiência sensorial ocorra será maior quanto mais freqüente for o contato da criança com o livro.

Às crianças brasileiras, o acesso ao livro é dificultado por uma conjunção de fatores sociais, econômicos e políticos. São raras as bibliotecas escolares. As existentes não dispõem de um acervo adequado, e/ou de profissionais aptos a orientar o público infantil no sentido de um contato agradável e propício com os livros. Mais raras ainda são as bibliotecas. Os pais, quando se interessam em comprar livros, muitas vezes os escolhem pela capa por falta de uma orientação direcionada às preferências das crianças.

É de extrema importância para os pais e educadores discutir o que é leitura, a importância do livro no processo de formação do leitor, bem como o ensino da leitura infantil como processo para o desenvolvimento do leitor crítico.

Podem-se tomar as orientações da professora Zilberman (2001 p.30) como forma de se motivar as crianças e os jovens ao hábito de ler:

Abordar as relações entre a leitura e ensino legitimando a função da leitura, sugerindo livros, assim como atividades didáticas, a fim de alcançar o uso da obra literária em sala de aula e nas suas casas com objetivos cognitivos, e não apenas pedagógicos; considerar o confronto entre a criação para crianças e o livro didático, tomando o último possível de uma visão crítica e o primeiro ponto de partida para a consideração dos interesses do leitor e da importância da leitura como desencadeadora de uma postura reflexiva perante a realidade.

Assim, com relação à leitura, pais e professores devem explorar a função educacional do texto literário: ficção e poesia por meio da seleção e análise de livros infantis; do desenvolvimento do lúdico e do domínio da linguagem; do trabalho com projetos de leitura infantil em sala de aula, utilizando histórias infantis como caminho para o ensino multidisciplinar.

Estratégias para o uso de diversos tipos de textos no aprendizado da leitura, interpretação e produção de textos também são exploradas com o intuito final de promover um ensino de qualidade, prazeroso e direcionado à criança. Somente desta forma, transformar-se o Brasil num país de leitores.

2.3 A IMPORTÂNCIA DO ATO DE LER

O ato de ler compreende o desenvolvimento satisfatório da aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos, habilidades, formação de atitudes e valores.

Segundo Paulo Freire (2003), a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra. O ato de ler veio se dando na sua experiência existencial. Primeiro, a leitura do mundo do pequeno mundo em que se movia; depois, a leitura da palavra que nem sempre, ao longo da sua escolarização, foi a leitura da palavra mundo. Na verdade, aquele mundo especial se dava a ele como mundo de sua atividade perspectiva, por isso, mesmo com o mundo de suas primeiras leituras.

Os textos, as palavras, as letras daqueles contextos em cuja percepção experimentava e, quando mais fazia, mais aumentava a capacidade de perceber se encarnavam numa série de coisas, de objetos, de sinais, cuja compreensão ia aprendendo no seu trato com eles, na sua relação com seus irmãos mais velhos e com seus pais. A leitura do seu mundo sempre fundamental para a compreensão da importância do ato de ler, de escrever ou de reescrevê-lo, e transformá-lo por intermédio de uma prática consciente (FREIRE, 2003, p. 38), explica-se dessa forma: “Esse movimento dinâmico é um dos aspectos centrais do processo de alfabetização que deveriam vir do universo vocabular dos grupos populares, expressando sua real linguagem carregadas da significação de sua experiência existencial e não da experiência do educador”.

A alfabetização é a criação ou a montagem da expressão escrita da expressão oral. Assim, as palavras do povo vinham por meio da leitura do mundo. Depois voltavam a eles, inseridos no que se chamou de codificações, que são representações da realidade. No fundo, esse conjunto de representações de situações concretas, possibilitava aos grupos populares uma leitura anterior do mundo, antes da leitura da palavra e que ainda, segundo esse autor, “o ato de ler implica na percepção crítica, interpretação e da re-escrita do lido” (FREIRE, 2003).

2.4 A LEITURA E AS ORIENTAÇÕES NACIONAIS

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL.MEC, 1997), da Língua Portuguesa: ensino de primeira e quarta série o trabalho com a leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes e, conseqüentemente, a formação de escritores (no sentido de pessoas capazes de escrever com eficácia). A leitura, por um lado, fornece a matéria-prima para a escrita: o que escrever. Por outro lado, a constituição de modelos: como escrever.

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir de seus conhecimentos. Qualquer leitor experiente que conseguir analisar sua própria leitura constatará que a decodificação é apenas um dos procedimentos que utiliza quando lê: a leitura fluente envolve uma série de outras estratégias como seleção, antecipação, inferência e verificação.

Um leitor competente é alguém que, por iniciativa própria, é capaz de selecionar, dentre os trechos que circulam socialmente aqueles que podem atender a uma necessidade sua. Que consegue utilizar estratégias de leitura adequada para abordá-los de forma a atender essa necessidade. Desta forma, o Parâmetro de Língua Portuguesa (BRASILMEC, 1997, p.41) esclarece que:

Formar um leitor competente supõe que compreenda o que lê, todavia, que possa ler também o que não está escrito, que consiga justificar e validar a sua leitura a partir da localização de elementos discursivos. Um leitor competente só pode constituir-se mediante uma prática constante de leitura de textos de fato.

A leitura na escola tem sido um objeto de ensino. Para se constituir em objeto de aprendizagem, é necessário que faça sentido para o aluno, isto é, a atividade de leitura deve responder, do seu ponto de vista, a objetivos de realização imediata. Trata-se de uma prática social complexa. Se a escola pretende converter a leitura em objeto de aprendizagem deve preservar sua natureza e sua complexidade, sem descaracterizá-la. Isso significa trabalhar com a diversidade de textos e de combinações entre eles. Significa trabalhar com a diversidade de objetivos e modalidades que caracterizam a leitura, ou seja, os diferentes “para quê” – resolver um problema prático, informar-se, divertir-se, estudar e com as diferentes formas de leitura em função de

diferentes objetivos e gêneros: ler buscando informações relevantes. (BRASIL.MEC, 1997, p. 41)

Se o objetivo é formar cidadãos capazes de compreender os diferentes textos, é preciso organizar o trabalho educativo para que experimentem e aprendam isso na escola. É preciso apresentar aos alunos textos do mundo: não se formam leitores solicitando aos alunos que leiam apenas durante as atividades na sala de aula, apenas no livro didático, apenas porque o professor pede. Eis a primeira e talvez a mais importante estratégia didática para a prática de leitura: o trabalho com diversidade textual. Sem ela pode-se ensinar a ler, mas não se formarão leitores competentes.

É preciso superar algumas concepções sobre o aprendizado da leitura. A principal delas é a de que ler é simplesmente decodificar, converter letras em sons, sendo a compreensão consequência natural dessa ação.

2.5 A LEITURA NO CONTEXTO DA ESCOLA

Formar leitores é algo que requer uma prática constante de leitura e um dos objetivos da escola, sobretudo nas séries iniciais do ensino fundamental, é assegurar o domínio da leitura e da escrita. E esse também é o objetivo da maioria dos pais ao colocar seu(s) filho(s) na escola. O aluno é pressionado pela escola, família e sociedade para cumprir esse objetivo, às vezes não tendo nem noção do porquê dessa meta. Quando lhe é perguntado o porquê de aprender a ler ouve-se respostas do gênero, explicitadas a seguir por Britto (2003, p. 21): “Para fazer dever”; “Porque que meu pai quer”; “Para ganhar presente no final do ano”; “Para ser alguém quando crescer”. Mas mesmo com toda essa pressão, esse objetivo nem sempre é cumprido, sendo encontradas dificuldades em manter um trabalho eficiente para todos.

Esse objetivo não é cumprido, pois muitas vezes a escola não compreende o aluno; ele fica desmotivado pela obrigatoriedade. Segundo Britto (2003, p. 22), “com isso o aluno às vezes fica com aversão à leitura, pois ela torna-se uma coisa não prazerosa, ele tem que aprender a ler do nada, não tem uma história boa de ouvir para motivá-lo a ler e escrever”.

Diante dessa aversão, muitas escolas acabam por excluir essas crianças que eles dizem ser “incapazes e desinteressadas”. A justificativa da escola para chamar

os alunos de “incapazes” é que a maneira de ensinar da escola está sempre correta estão, se o método está correto, então o aluno é que é incapaz. Essas crianças geralmente são as que não têm apoio, nem incentivo à leitura na família, precisando ter maior incentivo na escola. Além disso, os professores, em sua grande maioria, também não ajudam a facilitar a aprendizagem, limitando-se a usar livros didáticos, dando valor à palavra, à gramática. (BRITTO, 2003).

Mas qual é o papel da escola no ensino da leitura? Ainda segundo essa autora:

A escola deve entender que a leitura tem um sentido mais amplo e deve dar liberdade para os professores ensinar para seus alunos a importância da leitura, mas de todo o tipo de leitura. A leitura de textos, de desenhos, de charges, de mímicas, de gestos, de danças, deve também valorizar o que acontece na sociedade, tudo isso é importante para que se amplie a visão de mundo da criança, para que ela possa interpretar qualquer coisa e não só conseguir ler “Vovó viu a uva” e outras que não trazem nenhuma idéia e não ampliam nem um pouco sua concepção de mundo. (BRITO, 2003, p. 27).

E o professor, o que deve fazer? Britto (2003) explica que:

Ele deve ver que o livro didático não é um professor, e não é feito para todos os alunos, então ele não pode limitar-se ao livro didático, e sim tentar compreender o aluno, ensinando de uma maneira que ele possa entender, de uma maneira que também possa compartilhar seu saber, pois o conhecimento se constrói com a relação na sala de aula.

A alfabetização deve ter sentido para o aluno. O professor deve estimulá-la trazendo a escrita para a sala de aula, lendo e escrevendo para as crianças e demonstrando que a alfabetização é algo lógico e simples.

Como há existência de várias compreensões de um texto, o professor não pode recriminar um aluno por uma “compreensão errada” (ou seja, uma compreensão que não era a esperada pelo professor), pois o pensamento dele não é errado e sim diferente, o que vale é que deve ter compreensão, o importante é que realmente leu e pensou alguma coisa sobre a essa leitura.

Na escolha de leituras, o professor deve verificar se a leitura é atraente, se ela contém no seu contexto algo que seja do interesse da criança, e não só o que o professor quer que a criança leia. A leitura deve introduzir aos poucos coisas (ou palavras) que não são do conhecimento da criança e não deve ser uma coisa imposta, obrigatória e “maçante”.

Sendo assim, Kramer (2001, p. 33) orienta que:

O professor também deve tomar cuidado averiguando se seus alunos se aproximam do leitor virtual inserido no texto. Ele deve mostrar o que realmente é a leitura, e fazer com que os alunos leiam de verdade as notícias, se para ouvir uma música, compreender gestos, ir ao cinema, ou seja, dar a oportunidade do aluno compreender o que é leitura e se ela tem um lugar na vida dele. Se o povo soubesse realmente ler ele não seria enganado tão facilmente, as crianças teriam gosto em estudar, pois isso seria bom para o interior delas, o estudo não seria só uma forma de ascensão social e sim pessoal.

A leitura vai, portanto, além do texto (seja ele qual for) e começa antes do contato com ele. O leitor assume um papel atuante, deixa de ser “mero decodificador ou receptor passivo”(MARTINS, 2003, p. 32). E o contexto geral em que ele atua, as pessoas com quem convive passam a ter influência apreciável em seu desempenho na leitura. E a noção de texto também se amplia não ficando mais restrita ao que está escrito, mas abre-se para englobar diferentes linguagens e diferentes leituras de mundo.

“Ler é saber ver, enxergar o mundo com todas as suas belezas e mistérios, e querer cada vez mais desvendá-lo e deixá-lo mais bonito ainda, querer crescer para o mundo também crescer” (BRITTO, 2003, p. 30).

2.6 O DESENVOLVIMENTO DA CRITICIDADE NA LEITURA

Enquanto formadora de opinião, a leitura não pode ser meramente vista e não digerida. Tudo que se lê e se tem contato, deve-se antes de qualquer coisa, ser entendido para assim conseguir separar-se a “boa” leitura da literatura “ruim”.

É notório que com o acúmulo de informações e com os avanços tecnológicos, as crianças fiquem mais suscetíveis a qualquer tipo de material e à literatura sem discriminação. Surge então um desafio: Como fazer com que os jovens sejam estimulados a ler e diferenciar informações que lhes são oferecidas?

Logo, deve-se olhar o primeiro o quadro social brasileiro e as características que levam a apontar a importância da criticidade da leitura. Ao longo da história a sociedade brasileira vem sofrendo várias transformações; na área dos direitos reais do cidadão não é diferente. Mais precisamente após a ditadura a redemocratização do Brasil, a estrutura política, mudou. A sombra militar parou de assombrar o homem

comum, porém as estruturas que mantêm os absurdos da injustiça social permanecem. (SILVA, 1988, p. 64).

Com a liberdade de imprensa cada vez mais latente, tais injustiças se tornam cada vez mais focadas e visíveis, trazendo em si a essência da necessidade crítica como fator significante:

Vista de outra forma, a leitura crítica encontra sua principal razão de ser nas lutas em direção à transformação brasileira, levando a compreender as raízes históricas das contradições e a buscar, pela ação concreta, uma sociedade onde os benefícios do trabalho produtivo e, portanto, da riqueza nacional não sejam privilégios de uma maioria. (SILVA, 1988, p. 64).

Nesse trecho há uma indicação de criticidade enquanto cidadania, pois enquanto houver conformismo e ignorância, tais formas de escravidão da consciência permanecerão. Daí a importância da presença de leitores estimulados, atenciosos e acima de tudo críticos para mudança nas próprias estruturas da sociedade.

Depois de determinada sua importância no contexto social, cabe agora explicitar sua relação com os trabalhos pedagógicos.

Em uma escola os conteúdos se dão basicamente por meios impressos, mesmo que por ventura haja outros formatos, eles não substituem em nenhum momento a escrita e sim atuam como coadjuvantes para melhor formação da criança. Até por isso há uma série de atividades pedagógicas que se resumem apenas à escrita. (SILVA, 1988)

Isso, no meio escolar, segundo Silva (1988) faz com que a impressão passada é a de que os textos apresentados pelo professor em sala são infalíveis e até impassíveis de questionamentos. Pois bem, se há erros em livros didáticos, não há possibilidade de erros em tais textos?

Se em uma sociedade classificatória, a leitura pode servir como instrumento de alienação, assim como qualquer outro meio de comunicação, a importância do senso crítico na leitura passa a sofrer um aumento exponencial. Quanto mais se tarda a desenvolvê-la, mais se adianta a dominação e manutenção da situação atual. (SILVA, 1988)

O boom da informação vem a somar no processo de criação e desenvolvimento de conhecimento, juntamente com a expansão tecnológica, dando uma gama imensa de novos assuntos na sociedade letrada. A importância da seletividade nos traz uma idéia conjunta para a melhoria da crítica, a qual sem ela não se saberá discernir

o que é importante, logo caindo em desinteresse e estagnação do desenvolvimento crítico-social citado anteriormente.

Ressaltada mais uma vez a importância do senso crítico vindo desde cedo por parte dos educadores e da família, lembra-se também que com uma influência pelos meios de comunicação, por intermédio de propaganda e marketing, não deve ser esquecida, pois estes representam um grande perigo se vistos sem criticidade, pela grande apelação na esfera dos consumidores.

Enquanto a finalidade da ciência é de achar a verdade, por mais escondida que ela esteja, a leitura crítica segue o mesmo passo e deve ser tratada como ciência. Afinal é uma das condições para que se atinja a total disseminação do saber, ponto principal para o desenvolvimento de qualquer sociedade.

2.7 A LEITURA NA FORMAÇÃO CRÍTICA

No Brasil nota-se uma grande defasagem na escola tradicional, seja na péssima qualidade do material a ser usado, ou na lacuna da formação dos professores. Percebe-se também uma falta de interesse ou falta de oportunidade para parte da sociedade de se integrar no processo de construção da cidadania. Isso se dá pela falta de acesso à cultura, tanto como a condição social de grande parte da população às margens da comunicação escrita. (SILVA, 1988).

O ensino da escrita, no entanto, tem sido visto como um elemento caótico dentro do sistema de Ensino Fundamental e Médio, em que se combinam carências no âmbito educacional como, por exemplo, a má qualidade do material a ser lido e a falta de coadunação entre currículo e objetivos dos alunos e professores, cidadãos de uma sociedade que oferece novas possibilidades de comunicação a cada dia.

Quando delegado direito de acesso à informação, desde criança para o crescimento intelectual, o papel de educar recai todo sobre a figura da escola. Infelizmente a mesma não consegue acompanhar o ritmo imposto pela evolução tecnológica e globalização, até pela falta de recursos, causando impossibilidade de uma mentalidade crítica por parte do jovem.

3 METODOLOGIA

3.1 ABORDAGEM METODOLÓGICA

Este trabalho de pesquisa utilizou características da pesquisa qualitativa e foi fundamentado de acordo com os teóricos estudados. Neste sentido torna-se primordial enfatizar o sentido da palavra pesquisa. Para o dicionarista Aurélio (1975, p. 396) pesquisa significa uma “investigação e estudo, minudentes e sistemáticos, com o fim de descobrir ou estabelecer fatos ou princípios relativos a um campo qualquer do conhecimento”.

Goldenberg (1999) afirma que a pesquisa qualitativa não se preocupa com a representatividade numérica, mas sim com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização etc.

Já Triviños (1987) ressalta que a caracterização da pesquisa qualitativa desvela as informações que não podem ser quantificadas e precisavam ser interpretadas de forma muito mais ampla, objetivando o simples dado coletado.

Para tanto, para Bogdan e Biklen (1986), a pesquisa qualitativa tem o seu ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento, privilegiando o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada.

É relevante ressaltar as vantagens da utilização da abordagem qualitativa, conforme Minayo (1995, p. 22):

Ela se preocupa, nas ciências, com o universo de significados, motivos e aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa se opõem ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria. Assim, os pesquisadores qualitativos recusam o modelo positivista aplicado ao estudo

da vida social, uma vez que o pesquisador não pode fazer julgamentos nem permitir que seus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa.

Neste caso a utilização da abordagem qualitativa ocorre para desvelar sobre o processo do desenvolvimento da leitura crítica nas séries iniciais do ensino fundamental.

Acerca da metodologia, foi utilizada também a pesquisa bibliográfica “realizada por meio de material já publicado em livros, revistas e redes eletrônicas, isto é, material acessível ao público” (VERGARA, 1998, p. 48).

3.2 CENÁRIO E PARTICIPANTES DA PESQUISA

Os participantes da pesquisa foram quatro professoras que trabalhavam na área da educação em uma Instituição de Ensino Superior privada situada na Asa Norte, Plano Piloto, Brasília, Distrito Federal.

3.3 ESPECIFICAÇÃO DAS FASES DA PESQUISA

Esta pesquisa aconteceu em diferentes etapas, tendo como início a escolha do tema, a busca bibliográfica e a elaboração da introdução, o que ocorreu em março 2007.

Em seguida, iniciou-se a fundamentação teórica que foi concluída em agosto de 2007.

Em novembro de 2007 foi elaborado o instrumento de pesquisa e sua aplicação ocorreu em março de 2008.

A organização, análise e discussão dos dados ocorreram em abril de 2008.

A elaboração das considerações finais e a redação final do trabalho aconteceram em maio de 2008.

3.4 INSTRUMENTO DA PESQUISA

Utilizou-se nesta Monografia, como instrumento, a entrevista (VIDE APÊNDICE). Esse instrumento foi composto de 8 questões e mais os itens para a identificação dos participantes (sexo, faixa etária, formação acadêmica e tempo de atuação profissional).

Segundo Gil (1999, p. 117), a entrevista é uma técnica de pesquisa que “visa obter informações de interesse a uma investigação, onde o pesquisador formula perguntas orientadas, com objetivo definido, frente com o respondente e dentro de uma interação social”.

3.5 CATEGORIAS, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

3.5.1 Especificação das categorias escolhidas

A partir dos estudos realizados sobre o “Investigar as ações e procedimentos metodológicos que podem levar à formação de leitores críticos e reflexivos”, esta pesquisa de campo foi dividida em três partes: categorias de análise, com o objetivo de organizar os dados, possibilitando a leitura dos mesmos; e a análise e discussão, onde os dados foram trabalhados e relacionados aos autores selecionados na fundamentação teórica.

As categorias para análise dos dados selecionados foram as seguintes:

- Importância da leitura
- Orientação para criticidade
- Instrumentos utilizados
- Atividades utilizadas
- Trabalho após a leitura
- Sugestões de livros

- Dificuldades encontradas
- Sugestões de desenvolvimento da leitura crítica

3.5.2 Análise e discussão dos dados

As quatro especialistas entrevistadas são do sexo feminino. Elas se encontravam na faixa etária entre 41 e 51 anos em diante.

Quanto à formação acadêmica, duas são pedagogas, a terceira tem graduação em Letras: Português – Francês e as Literaturas e tem pós-graduação em Literatura Luso-brasileira; e a quarta é mestre em Teoria da Literatura da UnB e Doutorada em Literatura da UNB.

Elas foram designadas neste trabalho pela professora 1, 2, 3 e 4.

Somente uma especialista possui tempo de profissão diferenciada (18 anos) das demais (32 anos).

As professoras 2, 3 e 4 concordaram que a leitura é primordial para a criança e que quanto mais lê mais crítico o aluno fica, conseguindo expressar com suas próprias palavras aquilo que leu. Afirmaram que a prática de leitura forma leitores capazes de exercer o direito à cidadania; leva ao questionamento da realidade, formulando problemas; valoriza o patrimônio; aprende a ser crítico em diversas situações do cotidiano; expressa suas idéias atendendo “às diferentes formas de comunicação e aprende a se interagir. A especialista 1 afirmou que o aluno poderá descobrir várias fontes de informação nos mais diversos materiais.

Afinal, o ato de ler vai além da mera decodificação das palavras. Para Martins (1994, p. 19), é uma “conquista de autonomia, permite a ampliação dos horizontes, além de ser um instrumento contra a dominação, a libertação dos dominados”.

Todas as participantes concordaram que a criança pode ser orientada por meio de atividades que possibilitem à criticidade em sala de aula, como em debates decorrentes de atividades variadas e comentários sobre o que leu. Tal situação encontra-se coerente com o pensamento de Wolf (1971, p. 166), quando afirma que: “caso queiramos que os alunos se transformem em cidadãos críticos, capazes de avaliar

criticamente as idéias de um número cada vez maior de matérias para leitura, precisamos ensiná-los a ler criticamente”.

Com relação aos instrumentos utilizados os dados encontrados foram bastante coerentes com o que se pesquisou a respeito da importância na escolha dos métodos, que eles devem depender da necessidade do aluno. As participantes afirmaram, ainda, que utilizar instrumentos que possibilitem um melhor desenvolvimento da criatividade na leitura desperta interesse e prazer nas crianças desenvolvendo a imaginação e facilitando a compreensão e a expressão de idéias. Martins (1994) chama a atenção para um contato sensorial com o objeto livro, que, segundo ela, revela “um prazer singular” na criança. Na leitura, por meios de sentidos, a criança é atraída pela curiosidade, pelo formato, pelo manuseio fácil e pelas possibilidades emotivas que o livro pode conter.

Houve unanimidade, também, no que diz respeito ao desenvolvimento das atividades e a utilização de materiais concretos e de fácil manuseio para os alunos. Com esse tipo de atividade, o professor cria estratégias de leitura, conforme destaca Kleiman (1989), que a leitura na escola é a diversificação de atividades em torno de textos lidos, levando-se em conta o desenvolvimento do aluno e a reconstrução da informação graças à nova informação.

Sobre o trabalho após a leitura, todas as especialistas concordaram na utilização de debates para estimular sempre a discussão em sala de aula. A especialista 3 destacou a importância de o professor perceber o conhecimento do aluno, de ver o domínio do que já foi lido, propondo sempre atividades para expandir a discussão.

As especialistas 1 e 2 sugeriram livros de literatura infantil. Percebeu-se, também, que a utilização de recursos motivadores levam os alunos a melhor decodificação e compreensão das palavras. O estímulo visual permite a extração de informações sobre objetos e lugares que leva o aluno a relacionar o texto que está lendo com o texto já lido despertando maior interesse. Deve também assistir filmes que envolvam a criatividade para a produção de textos. Utilizar livros, nessa fase, motiva o aluno e o professor deve ajudá-lo a apropriar-se de estratégias que lhe permitam aprofundar a relação afetiva com as obras, afim de que se possa traçar progressivamente, o seu próprio percurso; construir a sua autonomia face ao conhecimento. Martins (1976), sobre este aspecto, afirma que o professor está

interessado em que os alunos adquiram experiências. Estas experiências podem ser conseguidas por meio de um livro de literatura.

Sobre as dificuldades encontradas, as especialistas 1 e 3 destacaram a falta de estímulo de alguns professores e da família para o despertar da leitura, sendo necessária a reciclagem de alguns professores e o incentivo de alguns instituições de ensino. As especialistas 2 e 4 destacaram a dificuldade de se ter acesso a um bom livro, o alto custo do mesmo e a falta de orientação à leitura crítica em todas as séries. Sobre este aspecto, Silva (1988) aborda que, no Brasil, nota-se uma grande defasagem na escola tradicional, seja na péssima qualidade do material a ser utilizado, ou na lacuna da formação de professores. Percebe-se também uma falta de interesse ou falta de oportunidade de uma parte da sociedade de se integrar no processo de construção da cidadania. Isso se dá pela falta de acesso à cultura, condição social de grande parte da população à margem da comunidade escrita.

Em se tratando de sugestões para o desenvolvimento desse tipo de leitura, as quatro especialistas concordaram que se deve estimular sempre a leitura, preparar e selecionar materiais adequados e trabalhar mais as informações de jornais, internet e livros que incentivem a conscientização e que gerem debate. A especialista 2 destacou a idéia de a educadora montar uma mini biblioteca na própria sala de aula, realizar debates e dramatizações estimulando a leitura crítica.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES

A leitura contribui para a formação do indivíduo, promove e facilita a sua interação e a participação na sociedade, ajudando-o no desenvolvimento de crenças e valores, estimulando e enriquecendo a sua capacidade criadora.

Ler traz consigo descobertas que têm como finalidade a formação de leitores competentes e possibilita produzir textos eficazes. Passou-se por diversos caminhos para analisar este processo, desde levantar a importância de se trabalhar a literatura infantil, até a preocupação com as metodologias para a leitura escrita, buscando-se os recursos motivadores para a formação do leitor.

No que se refere à prática da leitura para a formação do leitor, percebeu-se que os educadores estão buscando algo além de decodificar. Há uma grande preocupação em formar o indivíduo para a mudança de comportamento diante do mundo.

Foi possível responder ao problema (investigar sobre os procedimentos metodológicos que podem levar à formação de leitores críticos e reflexivos). No que se refere à leitura crítica para a formação de um leitor mais expressivo, os professores estão buscando ouvir o aluno, trabalham mais as idéias, havendo uma preocupação de se formar bons leitores, isto é, a importância da leitura como uma ferramenta para a evolução desses leitores críticos e responsáveis.

Também houve êxito em se tratando do alcance do objetivo geral (investigar sobre as ações e procedimentos metodológicos que podem levar à formação de leitores críticos e reflexivos). Foi possível entender quais os instrumentos podem ser usados para desenvolver a criticidade da leitura e as atividades destinadas no desenvolvimento da leitura crítica, como, por exemplo, livros didáticos e de literaturas, exercícios para estimular a leitura crítica e deixar os alunos à vontade para emitirem suas opiniões.

Espera-se da criança que ela consiga utilizar a leitura e a escrita para interagir-se de forma crítica e dinâmica, tanto no aspecto social quanto no individual.

Sugere-se que os professores explorem e desenvolvam a leitura crítica, usando os melhores métodos para estimular ainda mais as habilidades que as crianças demonstram ter.

Enfim, é imprescindível que o educador mostre ao leitor infantil as vantagens da importância do ato de ler, na medida em que o homem, integrado em seu contexto, reflete sobre este contexto e se compromete, constrói a si mesmo e chega a ser sujeito, interpretando e compreendendo o que se lê.

REFERÊNCIAS

AURÉLIO, Buarque. **Dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito da leitura**. São Paulo: Ática, 2000. – (Coleção Educação em Ação).

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília MEC, 1997.

BOGDAN, Biklen. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto 1986.

BRITO, Eliana Vianna; MATTOS, José Miguel; PISCIOTTA, Harumi. **PCNs de Língua Portuguesa: a prática em sala de aula**. São Paulo: Arte e Ciência, 2003.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 2003.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

KRAMER, Sonia. **Alfabetização Leitura e Escrita: formação de professores em curso**. São Paulo: Ática, 2001.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. – (Coleção Primeiros Passos).

ORLANDI, Eni. **Discurso e Leitura**. São Paulo: Cortez, 1988.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Críticidade e leitura: ensaios**. Campinas: Mercado de Letras, 1988. – (Coleção Leituras no Brasil).

TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1998.

ZILBERMAN, Regina. **Fim dos livros, fim dos leitores?** São Paulo: SENAC, 2001.

MINAYO, Maria **Abordagem metodológica**. Cortez: São Paulo, 1995.

APÊNDICE – ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA ESPECIALISTAS

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB

FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E SAÚDE – FACES

CURSO DE PEDAGOGIA – FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA AS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

NOME DA ENTREVISTADORA: ERIKA CRISTINA JORGE DUTRA

DATA: ____/____/2008

Roteiro de entrevista sobre o tema: “A aquisição da leitura na formação crítica do leitor nas séries iniciais do ensino fundamental”.

Dados de Identificação:

Sexo:

Faixa Etária:

20-30

31-40

41-50

51 em diante

Formação Acadêmica:

Tempo de Atuação Profissional:

Questões.

1_ Qual a importância do desenvolvimento da leitura na formação crítica do leitor?

2_ Como a criança pode ser orientada para a criticidade na leitura?

3_ Quais os instrumentos que podem ser utilizados para desenvolver esse tipo de leitor?

4_ Que atividades podem ser utilizadas no desenvolvimento da leitura crítica?

5_ O que o professor deve fazer após a conclusão da leitura crítica?

6_ Que livros podem ser utilizados para a 3ª série, nesse sentido?

7_ Quais as dificuldades encontradas para o incentivo e compreensão para uma leitura crítica?

8_ Que sugestões você teria para os professores a fim de desenvolverem esse tipo de leitura?